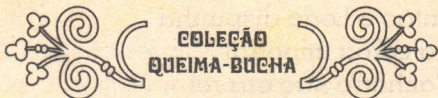


LEANDRO GOMES DE BARROS

# A NOIVA DO GATO



Coleção Queima-Bucha



Leandro Gomes de Barros

---

---

# A Noiva do Gato

---

---

No tempo que Eva era moça  
E Adão era rapaz  
Ninguém andava na moda  
Com medo de Satanás;  
Fundo de calça era adiante  
E a braguilha era atrás.

Os bichos daquele tempo  
Não eram como hoje são,  
Falavam, sabiam ler,  
Tinham civilização  
Sabiam se defender  
Pois todos tinham instrução.

O burro era professor  
Jabuti advogado,  
O porco juiz de órfãos  
Calango era delegado  
O galo era escrivão  
Bode, vigário colado.

Então o Leão dispunha  
Da coroa imperial  
Cachorro não era rei  
Mas tinha sangue real,  
Tejuaçu era major  
E o cururu general.

O gato era tesoureiro  
O rato tabelião  
Percevejo era um rapaz  
De grande habilitação  
Advogava o país  
Quando esse entrava em questão.

Gavião criava pintos  
O morcego era marchante  
A raposa era fiscal,  
Catita comerciante,  
Cupim vendia fazenda  
Negociava ambulante.

Formiga era agricultora,  
A traça era costureira,  
Timbu comprava galinhas,  
Aranha era lavadeira,  
A cobra bordava a ouro  
Cigarra era engomadeira.

A justiça era mais dura  
Do que qualquer um rochedo,  
O roubo era crime horrendo  
Namoro? Nem por brinquedo,  
Falar das bichas casadas?  
Nem mesmo havendo segredo...

O gato, por pensar pouco,  
Namorou uma catita,  
Por causa desse namoro  
Houve uma guerra maldita  
Quase que se acabam os bichos  
Deixando a terra esquisita.

O gato se enamorou  
Da filha do guabiru  
Afilhada do cachorro  
E da mulher do teiú  
Por isso houve uma guerra  
Onde ajuntou urubu.

Foram ajustar casamento  
O gato amolou as unhas  
A catita perguntou-lhe:  
- Isso aí serão dez cunhas?  
Disse o gato: - Essas daqui  
São as nossas testemunhas.

A rata desconfiou  
Entrou atrás de um caixão  
Disse o gato: - Minha noiva  
Traga a sua certidão.  
A catita disse: - Votes!  
Procure outra noiva, eu não.

E correu logo dali  
Foi à casa do cachorro  
Disse a ele: - Meu padrinho  
Me acuda, senão eu morro,  
Triste de mim se em seus pés  
Eu não encontrar socorro.

Meu pai é velho, está fraco,  
Não agüenta o repuxo  
Certas questões para um velho  
Bem sabes que não é luxo,  
E ninguém cria família  
Para passarem no bucho.

E as coisas hoje estão  
Que ninguém tem liberdade  
Tudo que a habita na terra  
Só explora com maldade  
Quem não fizer pela vida  
Tem que perde-la mais tarde.

O cachorro perguntou-lhe:  
- Minha afilhada, o que tem?  
Disse a catita: - Dom Gato  
Não é pessoa de bem,  
Me pediu em casamento  
E isso não me convém.

Disse o cachorro: - Ele é  
Empregado no Tesouro...  
Disse a rata: - Eu não o quero  
Inda ele sendo de ouro,  
Nem que fosse de brilhante,  
Quanto mais sendo de couro.

Ele já casou com uma  
Filha de um rato de fama  
Lhe prometendo vestidos,  
Casa com criado e ama,  
De manhã achou-se dela  
A cauda em cima da cama!

Chamou o sogro e a sogra  
Para com ele jantar  
À vizinhança dali  
Só viram os ratos entrar  
Ouviram o chiado dentro  
Mas não os viram voltar.

O cachorro olhou e disse:  
- Descanse, minha afilhada,  
Vou escrever à coruja  
Fazer-lhe recomendada.  
Disse a rata: - Deus me livre  
Daquela amaldiçoada!

Meu primo, o rato de fava,  
Indo lá, se valer dela,  
Coruja mandou-o entrar  
E passou-lhe na moela,  
O diabo é quem quer mais  
Saber daquela cadela!

Então o cachorro disse:  
- Eu vou escrever ao gato,  
Prevenindo que respeite  
Todos do compadre rato,  
Se bulir com o povo dele  
Se arrependerá do ato.

Fez uma carta bem feita  
Deu à rata e disse: - Leve,  
Diga ao gato que me mande  
A resposta dela breve.  
A catita recebeu-a  
Dizendo: - Essa me serve!

Saiu a rata contente  
Porque levava a cartinha,  
Disse ao guabiru pai dela:  
- Vamos, que eu não vou sozinha,  
Quero tomar os conselhos  
Que me deu minha madrinha.

- Oh! De casa! Disse a rata,  
O gato disse: - Oh! De fora,  
Disse o gato: - Oh, minha noiva!  
Pensei que tinha ido embora,  
Entre, venha dar-me um beijo  
Que estou com saudade agora.

À rata puxou a carta  
Porém o gato não viu  
Beijou-a com tanto gosto,  
Que no beijo a engoliu  
O guabiru vendo aquilo  
Rapidamente saiu.

Chegue meu futuro sogro!  
Disse o gato se lambendo,  
O guabiru disse: - Vôtes!  
Ganhou o mato correndo,  
Não vou lá nem com açúcar,  
D'agora em diante me emendo.



O rato chegou em casa  
A mulher lhe perguntou:  
- Fulano, cadê a catita?  
O guabiru lamentou:  
- Minha velha, só o gato  
Sabe aonde ela ficou.

A rata mãe da catita  
Foi onde o cachorro estava  
Então expôs ao cachorro  
Tudo quanto se passava,  
O cachorro ali jurou  
Que o gato ainda lhe pagava.

O Cachorro oficiou  
Ao capitão Tejuassu  
E deu parte à mulher del  
A Dona Surucucu,  
Que também era madrinha  
Da filha do Guabiru.

Capitão Tejuassu  
Ameaçou logo o Gato  
Chamando-o de assassino  
Traidor, vil e ingrato,  
Que ele pagava a morte  
Que fez na filha do Rato.

O Gato sabendo disso  
Ficou bastante massado  
Chamou o Preá da Índia,  
Que era sub-delegado  
Mandou prender Tejuassu  
Porque o tinha insultado.

O Preá da Índia foi  
Tejuassu não se entregou  
Ficou com quatro soldados,  
De dez praças que levou,  
Saiu ferido também  
Ganhou o mato e voltou.

Chegou o Preá e disse  
O que tinha sucedido  
Dos soldados que perdeu  
E ele saiu ferido,  
Dizendo que Tejuassu  
Estava muito munido.

O Gato ficou danado  
Com o que sucedeu lá,  
Disse ao sub-delegado:  
- Não devia vir mais cá  
Ficou tão indignado  
Que ali comeu o Preá.

Foi o gato nesse instante  
Ao general Cururu,  
Disse: - Comi por engano  
A filha do Guabiru,  
Sem saber que era afilhada  
Da mulher do Tejuassu.

O comendador Cachorro  
Não gosta da minha raça  
Era padrinho da Catita,  
É um dos que me embaraça  
Se não for vossa excelência  
Ele faz minha desgraça.

Perguntou o general  
Se a mulher de Tejuassu,  
Se por acaso seria  
Da família Guabiru,  
Disse o Gato: - A mulher dele  
É dona Surucucu!

Exclamou o general  
É uma desgraça imensa,  
Essa questão para mim  
Torna-se mal que vai pensa,  
A cobra é minha inimiga  
Se ela me ver, não dispensa.

A força dela não faz  
Eu desanimar a fé,  
Só pedindo intervenção  
Ao compadre Jacaré,  
Formo o batalhão e marchou  
Vamos ver Deus por quem é...

Havia no batalhão  
Um frango preto de raça  
Que fazia uns quatro meses  
Que tinha sentado praça,  
O Cururu nesse dia  
O atirou na desgraça.

Chamou o frango e lhe disse:  
- Praça, você vai levar  
Este ofício ao Tejuassu,  
Só volte quando entregar  
Estamos em tempo de guerra  
Ninguém pode descansar.

Lia-se no tal envelope  
Feito a pena de peru:  
"Digníssimo cidadão,  
Capitão Tejuassu,  
Das fileiras do exército  
Do general Cururu."

Quando o praça chegou lá  
Tejuassu ficou contente,  
Chamou a mulher e disse  
Olha que frango patente,  
O general Cururu  
Nos mandou esse presente.

O general Cururu  
Sabendo do resultado,  
Que o portador do ofício  
Tinha sido "confiscado"  
Se escorou nas duas mãos  
E exclamou: - Está danado!

Disse ao cabo Gafanhoto,  
Cabo, com urgência voe,  
Vá na lagoa de tal  
Diga ao major Sapo-Boi  
Que eu preciso dele já  
Você conte como foi.

Diga ao major Caldeireiro  
Que chame o duque Caçote  
O sapo Sunga-Neném,  
Traga-o, que é rapaz forte,  
Ele só traz do combate  
Ou a vitória ou a morte.

Poucos minutos depois  
No palácio do barreiro,  
Era sapo por desgraça,  
Estava major Caldeireiro  
Alferes Sunga-Neném  
E Dom Pitimbu Aveiro.

Seguiu a força levando  
Como chefe o Cururu,  
E na boca do buraco  
Viram o Tejuassu,  
Estava catando piolho  
Em dona Surucucu.

O general Cururu  
Mandou tocar avançada  
Disse: - Sr. Tejuassu  
Sua casa está cercada,  
A Surucucu lhe disse:  
- General, temos caçada!

E fazendo uma rodilha  
Deu logo o primeiro bote,  
Trazendo nas duas presas  
Já morto o duque Caçote,  
E o major Caldeireiro  
Foi no segundo pinote.

No meio da luta chegou  
Um gavião da floresta,  
Pegou a Surucucu  
Dizendo: - Vamos à festa?  
Chorava o Tejuassu:  
- Esse convite não presta.

O Cachorro entrou no meio,  
Dizendo fazer a paz  
Agarrou o Tejuassu  
Dizendo: - Espere, rapaz!  
O Cururu disse ali:  
- Eu não sou político mais...

O sapo Sunga-Neném  
Disse com cara de choro:  
- Não saio mais do barreiro  
Nem que me dêem um tesouro,  
Eu não tenho filha moça  
Nem sou juiz de namoro!

FIM



# ACORDA CORDEL NA SALA DE AULA



Conheça o projeto ACORDA  
CORDEL NA SALA DE AULA, que  
visa a utilização da poesia  
popular como ferramenta auxiliar  
na educação de crianças, jovens  
e adultos.

Maiores informações:

[www.fotolog.terra.com.br/acorda\\_cordel](http://www.fotolog.terra.com.br/acorda_cordel)

E-mail: [acordacordel@ig.com.br](mailto:acordacordel@ig.com.br)

Fone (85) 9909-1745



**Leia também:**

Leandro Gomes de Barros

**PELEJA de RIACHÃO  
com o DIABO**



Edição Especial autorizada pela Academia Brasileira de Cordel - ABC

Pedidos: [queimabucha@hotmail.com](mailto:queimabucha@hotmail.com)

**L**eandro Gomes de Barros nasceu na fazenda Melancia, em Pombal-PB, no dia 19 de novembro de 1865 e faleceu em Recife-PE, no dia 4 de março de 1918, segundo alguns pesquisadores, vitimado pela *Influenza* espanhola. Leandro residiu até os 15 anos de idade no Teixeira, na Paraíba (berço dos grandes cantadores do passado), tendo se mudado após esse período para Vitória de Santo Antão-PE, onde casou-se com dona Venustiniana Eulália de Barros, com quem teve quatro filhos: Rachel, Erodildes (Didi), Julieta e Esaú.



Estima-se que sua vasta produção literária, iniciada em 1889, no estado de Pernambuco, atinge cerca de 600 títulos, dos quais foram tiradas mais de 10 mil edições. Entre 1906 e 1917 foi proprietário de uma pequena gráfica para impressão e distribuição de seus próprios folhetos, em Recife-PE, tendo vendido o seu prelo ao amigo Francisco das Chagas Batista, da Popular Editora. Após a sua morte, em 1918, seu genro Pedro Batista (irmão de Chagas Batista e esposo de Rachel Aleixo de Barros, filha de Leandro), continuou editando a sua obra em Guarabira-PB, fazendo algumas revisões de linguagem.

Em 1921 ocorreu a venda dos direitos autorais de Leandro Gomes de Barros, pela viúva do poeta, a João Martins de Ataíde, que passou a publicar os folhetos omitindo nas capas o nome do autor e alterando o acróstico na estrofe final de muitos folhetos. Escreveu folhetos de cordel de grande aceitação popular, como História da Donzela Teodora, Juvenal e o Dragão, Antônio Silvino, o Rei dos Cangaceiros e O Boi Misterioso. Pioneiro na produção de literatura de cordel no país, Leandro Gomes de Barros foi considerado por Luís da Câmara Cascudo "o mais lido de todos os escritores populares."



Editora Queima-Bucha  
Rua Jerônimo Rosado, 271-A - Centro  
CEP 59610-020 - Mossoró-RN  
[www.queimabucha.com](http://www.queimabucha.com)  
[queimabucha@queimabucha.com](mailto:queimabucha@queimabucha.com)



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).